

EU NASCI NO BRASIL MAS O LÍBANO É O MEU PAÍS – JOVENS DESCENDENTES DE LIBANESES EM FOZ DO IGUAÇU: IDENTIDADE PLURAL

I was born in Brazil but Lebanon is my country – Young descendants of Lebanese in Foz do Iguassu: plural identities

Poliana Fabíula Cardozo*

RESUMO

Tendo como referencial teórico principal os conceitos de diáspora moderna, este artigo estuda as identidades culturais dos descendentes de libaneses em Foz do Iguaçú, Paraná. Uma comunidade expressiva tanto numericamente como nos seus marcos identificatórios, está radicada na cidade há aproximadamente 60 anos, em um constante ir e vir entre o Líbano e o Brasil, seja em um processo profundo de reimplantação, de novas migrações ou de visitas, em uma intensa criação de laços entre os dois países (a princípio, mas não apenas). Tudo faz com que, sendo diaspórica, essa comunidade tenha traços específicos de construção e transmissão de identidade. Aqui, esses aspectos serão abordados por meio da análise de entrevistas que foram realizadas com 24 descendentes de libaneses sobre o assunto. Descobre-se a dupla lealdade entre os países, a tentativa de reprodução do modo de vida do Líbano em Foz do Iguaçú, o sentir-se libanês, os conflitos e as angústias desse processo oriundo. Confirma-se: identidade pluralizada.

Palavras-chave: diáspora; identidade migrante; libaneses em Foz do Iguaçú.

ABSTRACT

Using the modern diaspora as the main theory reference, this paper studies the cultural identities of the Lebanese descendants in the city of Foz do Iguassu (Paraná State, Brazil). A numerically expressive community

* Universidade Estadual do Centro-Oeste, campus Irati.

and owner of many identificatory marks, it is rooted in the city since the 50's. In a constant 'to go and to come', between Lebanon and Brazil, in a deep process of reimmigration, new immigrations or maybe visits, it has intense ties between two countries (just at the beginning). With diasporic characteristics, this community has specific ways to build and transmit the identity. Here, these aspects will be covered by the analysis of the interview with 24 Lebanese descendants. We discovered double loyalty, conflicts and anguish of this process and we could confirm: they have plural identity.

Keywords: diaspora; migrant identity, Lebanese in Foz do Iguassu.

Introdução

Foz do Iguaçu não é uma típica cidade paranaense, desde o ponto de vista econômico, da sua ocupação territorial ou da formação social: dependente da prestação de serviços, fortemente calcados na atividade turística e na produção de energia, foi ocupada inicialmente por argentinos e paraguaios e depois por militares, para, na metade do século passado, passar a ser fortemente procurada por imigrantes, considerando sua posição estratégica na zona de fronteira e o então crescente comércio na cidade paraguaia vizinha (Cidade do Leste), culminando essa ocupação com a construção da usina de Itaipu nos anos 1970, com brasileiros de todo o país que vieram para trabalhar na obra ou prestar serviço a esses trabalhadores. Tudo isso faz de Foz do Iguaçu uma cidade muito diversa, com moradores idem.

Estudar fluxos migratórios lá é o que se pode considerar um prato cheio para os que se dedicam às novas ondas, pois dos anos de 1950 até a presente data a cidade de Foz do Iguaçu recebe(u) imigrantes de 80 nacionalidades diferentes, segundo a Polícia Federal local, com forte expressão para os libaneses, paraguaios, argentinos, coreanos, taiwaneses, indianos e sírios, mas não apenas. Por ali se diz que a cidade não tem identidade própria, ou que esse burburinho todo é o que lhe dá cor local, mas o que é certo é que poucas cidades de seu porte (258.980 habitantes – BRASIL, 2010) no país têm tal expressividade multiétnica. Dessa maneira, observar manifestações identitárias das mais diversas, no que tange à etnicidade, é algo comum por lá.

Esse artigo trata da identidade cultural plural dos jovens (filhos de imigrantes e nascidos no Brasil) libaneses moradores de Foz do Iguaçu. Para tal, foram realizadas entrevistas com 24¹ deles no mês de agosto de 2010. Para contextualizar o estudo, teoricamente será utilizado o ponto de vista dos movimentos diaspóricos e Foz do Iguaçu será descrita brevemente como cidade receptora de migrantes.

O fluxo libanês orientado para Foz do Iguaçu tem um perfil muito diverso do tradicional que o Brasil recebeu: é recente, iniciado a partir dos anos 1940 (e em um fluxo que se pode dizer contínuo nos dias de hoje, com picos durante a Guerra Civil Libanesa – anos de 1980 – e início do Plano Real no Brasil, em meados dos anos 1990). Nessa imigração, a porta de entrada não é/era apenas o Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo, mas o Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, e também os de Assunção (Paraguai) e outros. Agora não se trata de mascates, mas sim de comerciantes estabelecidos entre Foz do Iguaçu e Cidade do Leste. Esses libaneses são massivamente muçulmanos.

Ao contrário da situação na Europa, onde a atuação de muçulmanos é socialmente restrita, a comunidade em Foz do Iguaçu encontra, aparentemente, suficiente liberdade com relação ao controle social, de modo que pode se organizar em associações efetivas, construir mesquitas e escolas e, principalmente, obter sucesso financeiro, não dependendo assim de trabalhos em subempregos em áreas não desejadas pelos nacionais.

Assim sendo, pode-se dizer que a imigração presume uma construção social e histórica em outro local que não o de origem, seja para um grupo, seja para um sujeito, e nessa construção se dão sentimentos de pertença e de abandono. Fausto (2000) acredita que esta temática de estudos, a imigração, além de mostrar-se bastante ampla, tem se voltado nos últimos anos para questões sobre a construção de novas identidades e da integração nos países receptores, e não mais a “naturalidade” dessas identidades, dando pauta a estudos diversos como, por exemplo: a capacidade associativa dos grupos; padrões alimentares; escolas étnicas; matrimônios; etc. Para tanto, o autor pensa que, para estudar os fluxos migratórios, duas vertentes seriam relevantes: uma estrutural, compreendendo os contextos históricos dos

1 Para preservação da identidade dos entrevistados, os seus nomes serão trocados nesse texto, conforme lhes foi informado no termo de consentimento livre e esclarecido que todos assinaram antes de conceder a entrevista.

países emissivos e receptivos, e outra ligada à micro-história das famílias ou pequenas comunidades.

A ideia de “diáspora”, que será utilizada largamente neste texto, está fortemente relacionada à ruptura dos localismos por si mesmos e aceita o desenraizamento, o estar lá e aqui constante, e com isso dizer que aceita o desenraizamento como forma social estruturante. Nessa concepção, as formas de identificação e de pertença são cada vez mais híbridas para as comunidades diaspóricas. Dispersas por diferentes lugares do globo, essas comunidades podem usar como fonte de referência identitária não apenas o país onde vive ou onde nasceu, mas também o país onde vive um parente para onde se vai nas férias ou se tem contato constante.

A partir desta reflexão inicial é que se desenvolve a compreensão da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu como um viver na diáspora por meio da migração. Estes dois aspectos têm muito em comum, até uma raiz única: a necessidade do deslocamento internacional torna-se um hábito social. A diáspora traz consigo características próprias, como um laço ao país de origem, com a instalação de instituições e viagens constantes, sem deixar de se relacionar intimamente com o país anfitrião. Nesta configuração, o país de origem está sempre sendo lembrado, celebrado, vivido ao longe.

Aqui se pressupõe que houve uma preocupação com os caminhos percorridos pela comunidade libanesa no esforço de viver no país, preservando, de um lado, a memória localizada em terras distantes e a contundente necessidade de não abandonar os elementos culturais originais, e, de outro lado, a evolução de uma capacidade cultural de se adaptar ao ambiente cultural novo. Neste sentido, a vivência dos filhos de imigrantes se dá em meio às pressões advindas da família e da comunidade pela manutenção das tradições culturais e, ao mesmo tempo, respondendo à necessidade deles de conviver, cotidianamente, com outros elementos culturais existentes na cidade.

1. Compreender a diáspora contemporânea

Na contemporaneidade, para Kokot, Tölölyan e Alfonso (2006), o conceito de diáspora tem adquirido uma nova posição teórica, sendo visto

como um vasto campo de estudos, como: processos globais de desterritorialização, migração transnacional e hibridismo cultural. Essas seriam todas posições que negam o enraizamento per se, ou seja: as formas de identificação relacionadas à nação ou à região implicando um declínio no localismo como ponto de referência para identidades coletivas. E com isso dizer, segundo os autores, que o conceito de diáspora está relacionado a múltiplas pertencas e hibridismo. Esse conceito, ainda, segundo os autores, tem abandonado a ideia de exílio, migração forçada, perseguição e perda em detrimento de uma ideia relacionada à mediação da cultura: os estudos relacionados à diáspora extrapolam o peso de ser imigrante e chegam à negociação cultural.

Portanto, para definir a diáspora é preciso também definir os critérios para que ela ocorra em termos conceituais – vale atentar que a diáspora é ainda uma definição em aberto, os autores alegam.

Mattar (2004, *apud* STEPHAN, 2009, p. 146, com tradução nossa) explica que:

Todas as diásporas têm em comum características de significado: elas são resultado da junção de voluntarismo e imposição para migrar; seus membros desejam e estão aptos a manter a sua etnoidentidade nacional, que é a base para a contínua solidariedade; membros estabelecem em seus países anfitriões organizações intrincadas que têm a intenção de proteger os direitos dos seus membros e de encorajar a participação em ações culturais, políticas, sociais e econômicas; e os membros mantêm contínuo contato com seus países de origem e outros segmentos da mesma nação.

Não se pode qualificar como diaspórico qualquer grupo de imigrantes, ao contrário, a um conjunto de processos sociais e psicológicos. Stephan (2009) salienta que a lealdade na diáspora é sempre questionada, sobretudo durante tempos de conflitos.

Pode-se dizer que aquele que vive a diáspora está sempre em conflito entre ser o externo e tentar adequar-se à lealdade nacional. Mas isso sem deixar de ser um estrangeiro, e isso lhe custa caro em situações em que a lealdade é posta em prova. Por consequência, a diáspora não é caracterizada aqui por apenas um deslocamento: as populações saem de seu país de origem

para outro país; não estando satisfatória a situação, trocam de país estrangeiro ou regressam ao país de origem por um tempo e assim sucessivamente.

Na definição de diáspora, o forte relacionamento com o país de origem, aliado a relacionamentos com outros membros em países diversos, é fundamental. Sua etnicidade define, de forma simbólica, a visibilidade (ou não) da diáspora. Em base destes critérios se elaboram depois redes de contato e de comunicação, que são a base social e interativa da diáspora.

Safran (2006) explica que as comunidades diaspóricas são mais do que comunidades de minorias ou de imigração, são relacionadas a comunidades que se movem ao redor do mundo com algumas particularidades que as caracterizariam como tal:

São tipos especiais de imigrantes que mantêm com relação ao seu país de origem uma memória, uma conexão cultural, uma orientação geral; eles têm instituições que refletem algum aspecto da sua cultura ou religião; eles se reportam (simbólica ou praticamente) ao seu país constantemente; eles têm algumas dúvidas quanto à sua aceitação no país receptor; e muitos deles mantêm o mito do retorno. (SAFRAN, 2006, p. 10, com tradução nossa).

Neste debate, existem diferentes atitudes científicas para com a diáspora. Uns definem a diáspora como característica de ausências e de faltas, até de oposição contra o que se considera “normal”. Nesses termos, para Stephan (2009),

Diaspor-ismo é um conceito que reflete sentimento de estar entre-lugares, dupla lealdade e ausência de autenticidade. Esse conceito é explorado em 3 diferentes perspectivas: a primeira perspectiva é que o país de origem que é considerado por eles como uma comunidade distante é refletido na definição de diáspora como uma forma de produção de relações sociais no lugar longe de casa. Isso implica uma perspectiva muito convencional da antropologia na vida social, a persistência da tradição (identidade) em oposição à distância do país de origem. A identidade na diáspora é constituída contra a sociedade nacional fora de um senso de pertença. (STEPHAN, 2009, p. 145, com tradução nossa).

Destarte, o sentido de pertença na diáspora é sempre difuso, se é e não é, está e não está. A(s) pertença(s) e a(s) identidade(s), sendo múltiplas, são acionadas em momentos diferentes, a depender da situação ou grupo ao qual se está em contato no momento. Isso pode gerar crise e confusão, mas tal multiplicidade, esse trânsito entre diferentes grupos, faz o migrante ser parte de todos, sempre de outra forma, o que pode ser definido de certa forma como vida do diaspórico.

Safran (2006) explica que os níveis de conexão com o país de origem que caracterizariam a diáspora variam de acordo com o nível de abertura que o país receptor permite às manifestações, da mesma forma que deve ter uma relação numérica e espacial: é necessário haver um número de pessoas que sustente as instituições e constitua uma massa crítica e também requer espaços simbólicos onde possam ser constituídas memórias, como templos, bairros, praças, ou outro tipo de edificação. O espaço cibernético igualmente começa a ganhar campo nesse movimento. O autor segue dizendo que é necessário que esses espaços e manifestações tenham algum tipo de visibilidade no país receptor. A visibilidade, torna-se um elemento social fundamental da diáspora.

Diásporas também apresentam fatores temporais. Eid (2007) atenta que na diáspora os filhos de imigrantes nunca reproduzem o mesmo modelo cultural de seus pais; considerando a influência externa, eles criaram um modelo muito próprio de cultura, com alguns elementos que são acionados dentro e outros fora de casa. Sem embargo, o autor explica que no que tange ao caso árabe e sua relação de clã familiar ainda cabem muitos estudos com descendentes, considerando este apego à família.

A formação da identidade cultural na diáspora atende a algumas características da formação identitária de outros grupos de migrantes, contudo, o contato próximo com o país de origem e a relação com instituições entre países faz com que essa construção tenha aspectos ímpares e ainda matizes persistentes por gerações.

1.1 A IDENTIDADE CULTURAL DO MIGRANTE

A identidade cultural é um conceito amplamente debatido. Essa amplitude não se dá de forma injustificada, porque não se trata apenas

de uma discussão acadêmica, mas também de um questionamento social sobre a autocompreensão de uma sociedade multicultural e sua capacidade de lidar com o que é diferente. Mas já a ideia da identidade cultural não é única, ao contrário: varia bastante. Contudo, antes de entrar nas reflexões sobre a identidade cultural propriamente dita, há que se aclarar que o termo frequentemente é confundido ou utilizado como sinônimo de cultura. Para Denys Cuche (2002), existe de fato um elo entre ambos os conceitos:

A cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. [...]. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (CUCHE, 2002, p. 176).

Ou seja, a cultura é inerente a qualquer grupo, pois é caracterizada pelo seu modo de vida (CLAVAL, 2007), ela existe sem que nela se pense ou se a programe. Sem embargo, um grupo só se dá conta de sua cultura quando ele entra em contato com o outro, quando há confronto ou comparação entre dois ou mais modos de vida ou de ver a vida. Aí pode ocorrer a construção da identidade cultural, que existe para dizer ao outro de onde um grupo vem, quem é. Os mecanismos de manutenção ou até mesmo as variações da identidade sempre podem promover alterações na cultura, que per se é mutante em termos sociais.

As diferenças entre cultura e identidade cultural, então, se justificam no fato de que a identidade se mostra em contextos de diferença, ou seja: se dá conta da identidade, conscientiza sobre a marca cultural da diferença, em contato com o outro por meio de imagens vinculadas sobre o eu e o outro, ao passo que a cultura independe desse contexto de diferença e consciência, esta faz parte das ações no cotidiano de um grupo. No mundo pós-moderno, seguindo Cuche (2002), a identidade está na moda, devido à “[...] exaltação da diferença que surgiu nos anos setenta e que levou tendências ideológicas muito diversas e até opostas a fazer apologia da sociedade multicultural [...]” (CUCHE, 2002, p. 175).

Woodward (2007, p. 21) analisa o processo da imigração quando focaliza não no contraditório, mas no processual, e opina que a imigração

“produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”. A autora constata a dispersão de movimentos migratórios na atualidade, que produziria identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares de formas diferentes. Os sujeitos migrantes, não raro à margem da sociedade hospedeira, assumem hoje sua marginalização com forte reafirmação de suas identidades de origem, sobretudo por estarem em contato com o outro. Há que se concordar com a autora, mas não sem concluir que essa identidade plural se dá à base de conflito dentro do grupo homogêneo, sobretudo no contexto das relações intergeracionais, bem como da negociação de conflito interno: quem sou eu? Até onde posso ir em relação ao outro? No que estou me transformando em termos de sujeito social/cultural? O que devo preservar? O que faz parte de mim como constituinte do meu eu particular e o que eu posso descartar?

Ao compreender as distintas acepções e evoluções do pensamento sobre identidade cultural dos dois diferentes autores, a reflexão avança sobre o terreno da construção da identidade.

1.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL MIGRANTE

No que diz respeito à construção da identidade, segundo Cuche (2002), ela passa pela relação entre grupos diferentes. Com apoio em Barth, o relevante não seria inventariar as marcas culturais distintivas, mas sim determinar aquelas que são utilizadas pelo grupo “para afirmar e manter uma distinção cultural” (CUCHE, 2002, p. 182). A identidade, assim sendo, é percebida no contexto de diferença entre grupos sociais distintos entre si. Nesse processo, a identidade seria construída e reconstruída a todo o momento, reunindo o construto e a construção: objeto e processo. Isso quer dizer que se faz relevante observar, em estudos como este que aqui se apresenta, o que é distintivo segundo o próprio grupo e não de acordo com o pesquisador ou outro observador.

Este processo-fato acontece dentro de esquemas de poder e assim a identidade é relacionada ao poder de um grupo, ao poder que este tem de impor e demonstrar suas características. Seria reducionista, portanto, definir cada identidade como pura e não levar em conta o caráter heterogêneo que

gere as relações entre os grupos. Ainda mais, o conceito de uma identidade pura impede, segundo o autor, a compreensão das identidades mistas, frequentes em todas as sociedades.

A pretensa “dupla identidade” dos jovens de origem imigrante está ligada, na realidade, a uma identidade mista. Ao contrário do que afirmam certas análises, estes jovens não têm duas identidades opostas entre as quais eles se sentiriam divididos, o que explicaria sua perturbação de identidade e sua instabilidade psicológica e/ou social. Esta representação nitidamente desqualificante vem da incapacidade de pensar o misto cultural. Ela é explicada também pelo medo obsessivo de uma dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional (CUCHE, 2002, p. 193, com destaque do autor).

Mesmo havendo uma identidade cultural, a apropriação dela passa por um processo bastante diferenciado e individualizado. De modo que a questão não residiria em saber o que é ser libanês, mas sim como se construiu a identidade libanesa no contexto brasileiro e na particularidade fronteiriça de Foz do Iguaçu e o que significa recorrer a esta, por exemplo, em forma da publicação de suas imagens. Concorda-se com Cuche (2002, p. 202) neste sentido, quando diz: “a única questão pertinente é como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?”.

Nesta conjuntura, deve-se ressaltar que existe uma diferença entre a imagem da identidade e a vivência do imigrante. Enquanto tradicionalmente se entende a cultura como um conjunto de saberes (conhecimentos) e fazeres (ações) que um grupo utiliza para dar significado ao seu cotidiano, o confronto com o outro separa estas duas dimensões, deixando a imagem do grupo atuar em outro lugar do que a sua realização. Enquanto o grupo vive em isolamento, não percebe suas características culturais marcantes na sua naturalização, mas estas viriam à tona ao contato com características diferentes das suas, deixando surgir a identidade cultural como uma imagem deslocada da atuação.

Em razão do múltiplo pertencimento, a identidade cultural é bastante debatida, somada à fragmentação. Hoje é possível que um sujeito possa pertencer a diferentes grupos identitários ao mesmo tempo. Isto se observa

em muitos campos sociais, por exemplo, na adesão a grupos religiosos, no direcionamento sexual, social ou de trabalho, na nação ou na etnia. Mas, ao contrário dos séculos XIX e XX, quando estas identificações tinham um caráter fortemente exclusivo e fático, hoje se permite ao sujeito, entre limites, uma escolha de identidades múltiplas, fragmentadas, plurais devido ao caráter mais imaginário dessas identidades. Dessa forma surge a questão (sem a intenção nesse momento de gerar respostas, mas sim reflexões) de como um grupo ou um indivíduo com certa identidade cultural assumida decide mostrar (ou não) sua identidade por meio de uma marca identificatória. Procura-se, assim, entender o mapa das imagens e os processos de identificação com eles.

2. Foz do Iguaçu

Foz do Iguaçu é uma cidade fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, no extremo Oeste do Estado do Paraná, 637 km distante da capital paranaense, Curitiba. Caminhando pelas ruas da cidade, não é surpresa se deparar com pessoas de diferentes nacionalidades, como japoneses, chineses, coreanos, franceses, bolivianos, chilenos, árabes, marroquinos, portugueses, indianos, ingleses, israelenses e tantas outras, além dos vizinhos da Argentina e do Paraguai. Assim, a cidade recebe um ar cosmopolita e os seus moradores desenvolvem uma identidade que ultrapassa os costumes nacionais.

Machado e Silva (2008) relata que, quando se compartilha o uso do espaço por diferentes grupos, é difícil reconhecer uma única identidade para a cidade e, com isso, há um esforço em usar essa dificuldade como um apelo à convivência de alteridade: “É o apelo público e oficial da Prefeitura Municipal, dirigido aos moradores para participarem da vida cívica, jurídica e legal da cidade, através do emblema ‘Foz é de todos nós’” (MACHADO E SILVA, 2008, p. 364-365). E há que se concordar que em Foz as identidades são múltiplas e isso lhe confere, sem dúvida nenhuma, uma cor local muito especial.

Esta situação multicultural remodelou a paisagem urbana de Foz e, assim, o seu cotidiano é marcado visivelmente pelo multiculturalismo:

“Além dos espaços sociais dos grupos da comunidade árabe, há, na cidade, um templo budista, igrejas evangélicas e católicas, clubes específicos e associações atuantes – dos portugueses, dos japoneses, dos coreanos, dos italianos e outras menores, como a associação franco-brasileira” (MACHADO E SILVA, 2008, p. 368). À parte dos templos e outros espaços edificadas, a comunidade árabe, por exemplo, ainda promove, esporadicamente, atos de reconhecimento e visibilidade, que são as manifestações políticas pela causa da Palestina e festividades religiosas; isso sem mencionar as duas escolas árabes, o cemitério e os inúmeros restaurantes árabes na cidade de Foz do Iguaçu.

2.1 A IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA FOZ DO IGUAÇU: MARCOS DE IDENTIDADE

Não existem estudos sistematizando o fluxo migratório libanês orientado para Foz do Iguaçu, contudo, com base nas pesquisas realizadas pela autora e outros colegas estudiosos do tema, pode-se iniciar uma sistematização em termos históricos dos períodos de migração e os respectivos contextos libaneses e iguaçuenses.

A primeira fase da imigração do Líbano para Foz do Iguaçu se instala pouco depois da independência do país, baseada no seu Pacto Nacional de 1943. Ela perdura até o início da Guerra Civil Libanesa (1975). Gattaz (2005) explica que, em termos econômicos, no período de 1950 e 1960 o país destacou-se em relação ao resto do Oriente Médio nas atividades bancárias, gerando fluxos financeiros para os países do Golfo produtores de petróleo, quando a cidade de Beirute passou a ser considerada o centro econômico e cultural do Oriente Médio. O autor ainda faz menção à agricultura relevante para a economia, o que permitia às famílias do interior viver com relativo conforto. Mas esse conforto e bonança não eram compartilhados por todos os libaneses, o Bekaa e o Sul do Líbano (notadamente de população muçulmana) foram regiões que ficaram à margem disso. Além de as tensões políticas, fruto da relação conflituosa entre israelenses e palestinos, fazerem com que os libaneses anteviessem conflitos imediatos e muito perto deles. Tal situação propiciava a emigração. É nesse ambiente que alguns poucos libaneses muçulmanos do Bekaa saem do Líbano e chegam até Foz do

Iguaçu. Estima-se que eles chegaram à cidade como mascates e perceberam que ali poderiam ter sucesso no comércio da cidade, que começa a se organizar urbanisticamente.

A Guerra Civil (1975-1991) e o conseqüente estrangulamento das possibilidades de trabalho no Líbano são o estopim para a segunda leva de imigrantes para a cidade. Durante o conflito, Gattaz (2005) menciona que aproximadamente 950.000 pessoas deixaram o Líbano, com destinos diversos: Foz do Iguaçu é apontada como um destino possível para esses jovens muçulmanos emigrados. A cidade lhes parecia próspera em função das possibilidades de comércio em Cidade do Leste e a construção da Ponte da Amizade dava o ponto de confirmação disso. Além do mais, o núcleo urbano de Foz do Iguaçu passava por uma importante e flagrante transformação e crescimento, com a construção da Usina de Itaipu (1975-1982).

Depois da Guerra Civil Libanesa, a reconstrução do país se dá de forma lenta e incerta. A comunidade libanesa de Foz do Iguaçu já é expressiva e aqui o Brasil está tentando se reorganizar democrática e economicamente. Além disso, o Brasil prepara o Plano Real, visando à estabilidade de uma moeda. Isso se dá em 1994 e a moeda brasileira, o real, passa a ter uma cotação muito forte frente ao dólar. Essa situação levou a uma explosão no comércio das cidades fronteiriças do Paraguai com o Brasil. Neste período, marcadamente em Cidade do Leste, muitos shoppings e lojas de rua foram abertos e, claro, muitos comerciantes chegaram, principalmente do Líbano e Taiwan, para trabalharem no varejo ou na importação direta de bens de consumo.

Após esse período, o Brasil passou por diferentes crises econômicas e a cotação do real oscilou muito, bem como diferentes níveis de repressão ao contrabando e ao descaminho de mercadorias vindas do sentido Paraguai-Brasil ocorreram. Todos esses foram motivos para também o número de imigrantes libaneses oscilar em Foz do Iguaçu. Paralelamente a isso, o Líbano passou por um período importante de reconstrução, principalmente na capital; retirada de tropas estrangeiras; violência; protestos; e (re)posicionamento político do Hezbollah, o que fez com que o Sul do Líbano fosse olhado com maior atenção pelo governo central, criando um novo ambiente dentro do país.

Assim, em 60 anos de diáspora orientada para Foz, a comunidade libanesa fez com que se dispusesse de uma estrutura social completa – com

entidades representativas, espaços religiosos e gastronômicos e com um patrimônio arquitetônico específico. Entre este patrimônio, encontram-se a mesquita, o *husseiniey*,² a igreja, as escolas e o clube. Concomitantemente à construção do patrimônio arquitetônico, a visibilidade da comunidade se expressa pela gastronomia, que pode ser desfrutada nos diversos restaurantes, doçarias, açougues e padarias espalhados principalmente pelo centro da cidade, Vila Portes e Jardim Central. Ainda, em eventos específicos podem se ver danças folclóricas, tais como o *dapke*.³ As próprias pessoas aparecem no dia a dia com suas roupas e comportamentos peculiares nas ruas da cidade, conversando, vendo televisão nos estabelecimentos com canais árabes, ouvindo música, enfim, marcando a presença árabe e principalmente libanesa. É hoje absolutamente comum, mas extrapola a própria cidade.

Na região da tríplice fronteira, existem aproximadamente dezesseis instituições árabes, sendo doze na cidade de Foz do Iguaçu: Associação Árabe Palestina Brasil de Foz do Iguaçu; Associação Beneficente Árabe Brasil; Associação Cultural Sírio-Brasileira; Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu; Lar dos Drusos Brasileiros; Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu; Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu; Centro de Atividades Educacionais Árabe-Brasileiro; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu; Grupo Escoteiro Líbano-Brasil; Sociedade das Damas Árabes e Clube União Árabe. Além disso, agora a cidade conta com uma agência de notícias especializada em mundo árabe e na comunidade árabe local, chamada A Fronteira/Al Hudud.

Essas diversas instituições formaram-se sob interesses diversos dentro da comunidade árabe, ao longo do tempo. Hoje, a grande maioria delas atende não somente aos árabes que imigraram para Foz do Iguaçu e aos seus descendentes já nascidos no Brasil, como também à comunidade não árabe, especialmente em ações de beneficência. Ao longo do desenvolvimento dessas entidades, seus organizadores não perderam de vista um dos seus principais focos: o bem-estar da comunidade árabe em Foz do Iguaçu, em diversos âmbitos, como preservação do idioma, da cultura, da religião, salvaguardando alguns valores e tradições.

Este cenário de visibilidade na cidade, bastante amplo em relação a outras etnias, permite a reconstrução de um Líbano Presente para fortale-

2 Local de celebração xiita.

3 Dança folclórica libanesa.

cer espaços que são fonte de identificação ou que propiciam as marcações identitárias. Mas, o que é muito mais importante do que estas marcas são as vivências cotidianas das pessoas migrantes na cidade, que se fazem perceber em uma cidade que se diz de todos (pelo número de grupos de imigrantes e migrantes que recebe). A necessidade de educar os filhos em escolas árabes, para que aprendam a língua e a religião; de comprar ingredientes que lhes propiciem a “autêntica comida libanesa”; de juntar-se a outros libaneses nas lanchonetes – árabes – para falar alto e claramente rememorando sua língua, ouvir sua música; celebrar à sua maneira as datas festivas; vestir-se como se vestem no Líbano (marcadamente as mulheres muçulmanas); escrever nos letreiros dos estabelecimentos comerciais em árabe e em português; e tantas outras manifestações de um grupo que à primeira vista se sente à vontade com o rótulo de árabe, turco ou mesmo libanês que lhe dá a comunidade iguaçuense.

E nesse contexto de multiculturalidade, transnacionalidade e libanesidade constante, os descendentes de libaneses medeiam e constroem suas identidades brasileira e libanesa, com dor e com amor. É o tema do próximo item.

3. Ser filho de libanês em Foz do Iguaçu

A identidade quase sempre se encontra na busca de âncoras, baseada em uma geografia de marcos. Por isso, os marcos que podem servir para migrantes como lugares de identidade são elementos que deixam pistas permanentes na paisagem da cidade anfitriã. No caso de Foz do Iguaçu, muitas marcas tangíveis da comunidade libanesa são expressas na paisagem: a Escola Libanesa Brasileira; a mesquita; o *husseiniey*; o cemitério islâmico e o Clube União Árabe, por exemplo. Mas também outros elementos intangíveis, que se mesclam a certa tangibilidade do lugar, marcam e fazem parte do cotidiano das pessoas: a gastronomia, que já é uma mania entre locais e turistas; a religiosidade, traduzida nas roupas, chamamentos e celebrações; o comércio peculiar, com mercadorias penduradas por toda a parede e forrando-a até o alto do pé-direito.

Tais marcas parecem tão fortes na presença visível libanesa em Foz do Iguaçu que tornam-se elementos da cidade. São marcas que não deixam o observador enganar-se: naquela cidade existe uma expressiva comunidade árabe-libanesa. Mas percebe-se, sem dúvidas, a presença desses que muitas vezes são “outros” e, por isso mesmo, aparecem.

Ao serem questionados se os entrevistados viveriam no Líbano, unanimemente a resposta foi sim, sob justificativa de que aquele é o país deles, é onde muitos se sentem em casa, se sentem compreendidos, é onde se fala a língua deles. Alguns expressam que se sentem brasileiros também, mas outros se sentem estrangeiros aqui. Embora este artigo não trate de imigrantes, cabe mencionar que os pais desses descendentes também foram entrevistados, se declaram brasileiros de coração e dizem que vivem totalmente à vontade no Brasil.

Consequentemente, aqui cabe refletir sobre a questão do permanente e do provisório num sentido mais amplo. Ao passo que constituir-se de forma definitiva no Brasil seja algo comum a todos os entrevistados imigrantes que se dizem adaptados, integrados, acostumados, em casa, iguais aos locais ou estranhos no Líbano, etc., não deixaram a identidade libanesa para trás, ao contrário: ela foi/é revivida constantemente ao dar nome aos filhos, garantir os documentos libaneses para eles, ensinar-lhes a serem libaneses, a amar o Líbano ao ponto de seus filhos quererem mais do que eles viver no Líbano. É com isso dizer que não se pode ser ingênuo e admitir que, pelo fato de os imigrantes estarem completamente à vontade na sociedade brasileira ou não pensarem em voltar para seu país de origem, não quer dizer que deixam de lado a identidade libanesa: assumem diferentes identidades, as acionam em diferentes momentos e pertencem a diferentes grupos.

As visibilidades, práticas e comportamentos, embutidos na visibilidade que quase todos os entrevistados relatam, fazem com todos sejam identificados como libaneses na sociedade iguaçuense, ora pelas características físicas (citadas por eles: nariz grande, sobrancelha espessa e olheiras escurecidas) ora pelo nome. Algumas mulheres dizem ser identificadas pelo uso do *hijab*. Mas não demonstraram que essa identificação era negativa, ao contrário: lidavam bem com isso e se sentiam satisfeitos de serem identificados como libaneses.

Mais uma forma de refletir e reiterar sobre a necessidade de falar, ensinar, mostrar aos filhos o Líbano, levá-los para lá, fazê-los – mesmo es-

tando em Foz – viver esse Líbano. Com isso, não apenas o sujeito estudado está vivendo a realidade iguaçuense em seu cotidiano e acarinhando o Líbano em/de suas memórias, como fazem seus pais, mas ainda percorrem esse mesmo caminho, que os leva para lá e para cá, que os faz viver no lá e no cá.

Os entrevistados explicaram que aqui no Brasil eles são todos considerados libaneses, sem importar se eles se autoconsideram brasileiros ou se de fato são nascidos aqui. Mas que no Líbano são todos estrangeiros, considerados ou brasileiros ou americanos.

Amani (40 anos) explica que essa situação lhe incomoda, assim como aos filhos, e que não gosta quando isso ocorre. Não raro ela se sente renegada dos dois lados, se sente libanesa-brasileira, e que o motivo do incômodo é quando uma dessas nacionalidades lhe é negada. Latif (24 anos) diz que sempre estudou em escola brasileira, que sempre teve amigos brasileiros, se sente brasileiro e muito diferente dos libaneses nascidos no Líbano; embora estime que tenha assimilado bem a cultura libanesa, opina que ele tem as duas formas de pensar e agir. Essas são formas de reagir ao estar lá e cá que antes se mencionou. Mostra-se que nessas situações se reificam imagens criando um mundo *per se*.

Esta falta de nitidez é um peso que possivelmente nunca sai das costas do imigrante e aqui no caso isso se lhes passa aos filhos. E isso ocorre porque romper com a origem e se entregar totalmente ao novo é quase impossível: a cultura de origem lhe é fundante, lhe ensinou o certo e o errado, lhe mostra os valores a serem perseguidos. E o novo nem sempre concorda com isso. Para poder viver no novo, no país anfitrião, é preciso um mínimo de adaptação e negociação: o que se pode abandonar e o que não. E por esse processo, inexoravelmente, passa a educação dos filhos, onde se recriam imagens do antigo como âncoras.

Isso se refere também às frequentes visitas dos descendentes nascidos na diáspora. Se está no país de seus pais ou avós, saber portar-se como um local lhes garantiria aceitação. Isso não quer dizer que essas pessoas não possam ser aceitas no país anfitrião ou que não saibam como lidar com o outro código cultural, mas sim que fazem menos concessões à cultura anfitriã frente à de origem.

Josiane (28 anos), a exemplo disso, explica que se sente diferente, mas que isso não lhe parece ruim, é segundo ela um diferente bom, tem orgulho disso. Mas ela ainda explica que não foi fácil resolver essa questão

consigo mesma, sobretudo durante a adolescência, que considera o período mais difícil. Ela conta que, quando estava na escola, sua mãe lhe preparava pão árabe com coalhada de merenda e que os colegas faziam comentários jocosos sobre isso, dizendo que era panqueca. Entre risos, Josiane disse que odiava quando isso ocorria.

Amani (40 anos) conta que o pai dela nunca a deixava usar roupas muito curtas ou cavadas ou mesmo sair a noite quando era adolescente, e isso causava espanto nos colegas não árabes, inclusive alguns se afastavam dela. Na época não entendia muito bem isso, mas hoje, como é mãe, diz compreender e de fato tenta proteger os filhos também.

Essas observações mostram diferentes formas de negociação da própria identidade, com diferentes formas de pertença e, principalmente, a influência de imagens dessa negociação na vida cotidiana. Mas como o sentimento de pertença pode ser algo forte para as sociedades modernas, o migrante precisa substituí-lo ou adicionar novas pertencas devido às provisórias e/ou enraizamentos na sua vida. Ora, pode-se pertencer a quantos grupos for, tudo vai depender da capacidade de negociação e de acionamento de cada uma das identidades em questão. Assim, para além dos documentos oficiais, pode-se ser brasileiro e libanês, como se vê. Pois, no bojo do que é ser brasileiro e do que é ser libanês, certamente há diversas características que os entrevistados devem ter, ou ao menos algo que lhes diga que pertencem a esses grupos.

Se para os pais dos entrevistados a volta para viver no Líbano é remota, para eles a vida no Líbano não ficou para trás, ela é retomada a cada viagem, o sentimento de ter a vida pela frente e de ter visto tantos dos seus indo e vindo até que a mensagem fosse assimilada é marcante nos discursos. De modo que se pode observar que o provisório, no caso estudado, é muito mais forte entre descendentes do que entre imigrantes. Isso não se dá porque lhes negam um solo no Brasil, ao contrário, mas sim porque lhes oferecem outro solo, um solo amoroso, no Líbano, como uma realidade distante, mas real.

Para as mulheres, de fato pareceu mais difícil viver os conflitos de identidade. Algumas explicam que não são tão livres como os rapazes, possivelmente por uma questão mais religiosa do que qualquer outra (a mulher muçulmana não deve casar-se com outro que não seja muçulmano, ao contrário do homem que pode desposar, além de muçulmanas, cristãs e judias).

Jessica (17 anos) considera que seus pais são “modernos” no que diz respeito aos costumes brasileiros versus libaneses, mas ainda assim relata algumas dificuldades: ela diz que gostaria de ter a liberdade de namorar sem o compromisso de casar necessariamente, mas por outro lado os pais permitem que ela saia na noite vez ou outra (mas deve estar acompanhada de parentes ou amigos próximos). Conclui dizendo que “eu amo ser árabe e eu odeio ser árabe, entende?”, aos risos. Amar e odiar ser árabe, como diz a entrevistada, pode levar a pensar que se está no lá e no cá, pois, ao conhecer a cultura brasileira e viver no Brasil, nem tudo lhe é permitido, por ser libanesa. Mas não renega a libanesidade. Vive-se no conflito. Mas cabe dizer que nem sempre conflito é sinônimo de tristeza ou sofrimento, mas sim de questionamento.

Para pontuar com maior profundidade a questão da mistura cultural, trata-se das reflexões de Homi Bhabha (2007), que inicia sua reflexão sobre o lugar da cultura falando sobre a vida na fronteira. Neste lugar da fronteira, a cultura é posta como imediata e trabalhada e, neste sentido, não se trata nem de um novo horizonte no futuro ou de um abandono ao passado, mas sempre está aqui e lá ao mesmo tempo, na diferença em construção. Para o autor, o que é “teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2007, p. 20). O teórico chama essa articulação da diferença de “entre-lugares”, pois “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2007, p. 20).

Jawad (42 anos) opina que os imigrantes libaneses em Foz somente mudaram de endereço, do Líbano para o Brasil, pois eles agem exatamente da mesma forma com que agem lá, pensam igual, mesmo que ele compreenda que os libaneses que moram no país de origem tenham modernizado e flexibilizado os costumes com os anos e que alguns imigrantes ainda pensam como há 40 anos atrás, mas eles reproduziram o Líbano vivido, independente da geração.

Ora, pode-se asseverar que o que Jawad diz sobre viverem da mesma forma, por muitos motivos, é força de expressão para dizer que

não se negociou muito a cultura, a forma de vida. Há o esforço em manter a vida, dentro das possibilidades. Mesmo assim, assume-se que tenha havido muita adaptação e negociação. Mas é claro que, mesmo negociando, muito se manteve, ou os filhos não se sentiriam tão libaneses como se dizem. Outra força de expressão (sou libanês, quando de fato se é nascido no Brasil com documentos libaneses)? Possivelmente, pois, ao estarem no Líbano, segundo alguns entrevistados, sentem saudades do Brasil, querem estar aqui, falam português entre eles quando querem excluir alguém da conversa – possivelmente esse alguém seja o tema da conversa –, usam expressões brasileiras enquanto falam árabe (como: né?!, nossa!, legal!, não acredito!/? Entre outras).

Essas forças de expressão aqui tratadas demonstram o que Bhabha chama de entre-lugares: viver o aqui e o lá, estar no Líbano Presente lhes dá a oportunidade de recriar suas verdades, valores, adaptarem-se, negociarem e, sobretudo, adequarem-se às diferentes sociedades em que estão.

Para os nascidos no Brasil, esses entre-lugares são mais flagrantes por viverem mais intensamente na fronteira das duas culturas. O ambiente escolar parece ser o mais propício para essas situações, quicá por haver maior contato com não árabes e as diferenças serem mais latentes, mas também porque foi na escola em que muitos tiveram necessidade de se colocar como libaneses e inclusive de questionar e descobrir essa identidade.

Amani (40 anos) relatou um evento que lhe pareceu constrangedor, quando um professor na faculdade, não sabendo que ela era filha de libaneses, passou a criticar abertamente o Líbano, os libaneses e a religião muçulmana. Isso a constrangeu em demasia, mas, após a fala do professor, ela pediu a palavra, identificou-se e passou a lhe explicar muitos aspectos da preleção que lhe pareciam equivocados. Jessica (17 anos), Josiane (28 anos), Helena (30 anos) e Bilal (40 anos) também mencionam que já sentiram necessidade de “defender” o Líbano.

Para Batul e Halimah (ambas com 19 anos), resulta muito enfadonho a cada novo grupo de convivência escolar (estão no primeiro ano do ensino superior) explicar o que podem e o que não podem fazer em função dos preceitos religiosos e por quê. Batul relata que quando iniciaram na faculdade, elas aceitaram receber o “trote”, brincar na lama inclusive, mas se recusaram a beber cerveja mesmo sob fortes insistências dos colegas. Halimah comenta um pouco chateada que os colegas de classe tinham plena

convicção de que ela estava guardando luto pela morte de Osama Bin Laden, pois no dia de sua morte foi para a aula com roupas pretas!

Jéssica (17 anos) opina que percebeu a sua identidade árabe depois que começou o ensino superior, pois na escola tinha muitos colegas libaneses e os professores já estavam muito habituados aos libaneses, de modo que não precisava explicar nada sobre o modo de vida dela. Mas agora, na faculdade, tudo isso mudou. Os amigos já compreenderam que ela é diferente em alguns aspectos e a respeitam muito. Malak (17 anos) se diz impaciente com essa necessidade de explicar-se a todo o momento.

Todos esses exemplos mostram que a vivência na fronteira cultural revela que, por mais que se sintam em casa em Foz do Iguaçu, não raro são apontados como outros ou têm que se levantar em defesa do país de seus pais, que também é seu. Ou seja, se é nós e se é outros. Mas se pode ser nós-outros? Os hifens cabem nesse caso? Há uma identidade que mescle a brasileira e a libanesa ou se tem a identidade libanesa e a brasileira e essas são acionadas em momentos diferentes a julgar pela conveniência da situação?

Pode-se dizer que, para Bhabha (2007), o passado é um lugar que ficou longe daquele em que se vive, mas incide sobremaneira no presente, no aqui. Por isso, os que vivem a diáspora sentem-se vivendo no além: remembering o passado para construir o presente. Nem lá e nem cá, trazem à tona o lá por meio da memória, fazendo surgir imaginários. Se o autor diz nem lá e nem cá, cabe salientar que, contrariando este estudo em tela, faz considerar o viver lá e aqui, ou seja: múltiplas pertencas. Como mostram cada um dos entrevistados.

Bhabha (2007) reforça ainda que o espaço no entre-lugares não é de pluralidade, mas sim de duplicação, no qual a imagem, o signo suplementa e esvazia a natureza da nação. Por isso, as políticas deveriam ser de diferenças e não plurais, ou seja, não deve haver múltiplas políticas, mas uma que respeite as diferenças, o dual. Esse espaço deve oferecer, segundo Bhabha (2007, p. 218), uma narrativa característica da racionalidade política moderna: “A integração marginal de indivíduos num movimento repetitivo entre as antinomias da lei e da ordem. É do movimento liminar da cultura da nação – ao mesmo tempo revelado e unido – que o discurso da minoria emerge”.

Munira (44 anos) explica que às vezes ela tem a sensação de estar no próprio Líbano quando está em Foz do Iguaçu: “Em cada esquina tem um

shawarma, mercadinhos com letreiros em árabes, lojas, escolas, mesquitas. Eu adoro isso, parece que estou no próprio Líbano, isso porque o povo de Foz, os árabes, faz com que a cultura apareça em muitos aspectos”. Ela continua contando que foi morar em Foz justamente para ter contato com a cultura árabe, juntamente com os pais e os quatro irmãos, bem como uma tia e sua família. Manter a cultura é uma coisa importante para ela. Ela explica ainda que, mesmo que ninguém em casa observe o jejum de Ramadã, para não quebrar a tradição, todos se reúnem com amigos ou familiares para o jantar de “quebra do jejum” durante o mês de Ramadã. Nestas situações, se reproduz no cotidiano não a solidão, mas a solidariedade da comunidade.

Malak (17 anos) explica que muitas vezes ela sentiu revolta por ser filha de libanês, pois sempre achou que a vida dos brasileiros era mais fácil e sem proibições, explica que teve um período em que a frase “se eu fosse uma brasileira...” virou um bordão comumente acionado nas discussões com os pais.

Muitos foram os entrevistados que comentaram que no círculo de amizades têm amigos brasileiros e árabes e que praticam atividades de lazer com ambos, mas atividades diferentes com cada um dos grupos. Com os libaneses, via de regra as atividades são mais restritas à casa, como visitas, churrascos, refeições ou jogos de baralho com narguilé. Os homens ainda agregam o futebol como um passatempo bastante usual entre libaneses. Com os brasileiros, as atividades são mais relacionadas à vida noturna. Para essa última, não raro reúnem-se brasileiros e libaneses.

Em todos os casos, os entrevistados vivem a vida na fronteira cultural, numa rotina. A dualidade entre a cultura brasileira e a cultura libanesa é uma missiva constante. Há que se concordar com Bhabha de que não se trata de pluralidade, mas sim de dualidade: não se é o tempo todo brasileiro-libanês, mas sim às vezes se aciona a cultura brasileira e aí também se aciona essa identidade; e outras vezes a cultura libanesa é trazida à tona e então a identidade libanesa é acionada. No máximo o que se pode encontrar seria, em alguns momentos, uma cultura de transposição, mas não plural ou hifenizada.

Contudo, a angústia dos pais em relação à educação dos filhos é muito grande. Não foram poucos os entrevistados que relatam terem ido passar uma temporada no Líbano com a finalidade de aprender a língua e a cultura. É o caso de Jawad (42 anos), Yasmine (45 anos), Angélica (26

anos), Ahmad (31 anos), Josiane (28 anos), Latif (24 anos), Ronaldo (32 anos) e Najjar (33 anos). Outros manifestaram excessivo cuidado dos pais para que os filhos mantenham os costumes e isso se viu em detalhes das conversas, principalmente com as entrevistadas: “meu pai não gosta que eu use roupa curta”; “não posso sair para a balada”, “meus pais não me obrigam a casar com libanesa, mas sei que é o que eles querem”; “ah, eu não posso casar com brasileiro, minha família jamais aceitaria”; “minha mãe pega no meu pé para eu jejuar”; “moça libanesa tem que ser prendada, feminina e hospitaleira, às vezes em casa é uma discussão só porque não quero lavar a louça, ou não [me] comporto dessa forma”; “se eu tiver um namorado, sei que é para casar”; “eu tenho trinta anos e ainda peço para a minha mãe se posso sair à noite, e surpreendentemente às vezes ela não deixa!”. Assertivas como essas revelam que o controle da família sobre o indivíduo confirma a coesão da comunidade, mas ele é exercido em diferentes sentidos, mesmo gerando conflitos entre filhos e pais.

Conclusões

Embora na apresentação das entrevistas algumas considerações fossem sendo tecidas, pareceu necessário abrir espaço para mais algumas conclusões à guisa de finalização efetiva. Pode-se assumir que a vida dos libaneses em Foz do Iguaçu é em certa medida uma reprodução da vida no Líbano, a partir dos fragmentos da vida libanesa que trouxeram e acionaram no Brasil, consciente ou inconscientemente – principalmente se formos considerar pequenas cidades e não a capital. Mas o choque provocado pelas diferenças culturais e o contato inevitável com o outro leva sim a preocupações com a educação dos filhos. Determinar o limite ou o equilíbrio entre o ceder e o recusar pode ser ainda o grande desafio dos imigrantes. Sem embargo, essa determinação de limite ou de equilíbrio não impede que se construam/constituam marcas identitárias e identidades libanesas em Foz do Iguaçu, ao contrário, força a todo o momento, por meio do contexto de diferença, a criação de marcas únicas para os envolvidos nesse processo.

Vivem assim uma ausência, que se expressa na provisoriidade imaginária. Seus sentimentos conflitantes entre provisoriidade e perma-

nência são constantes. Mas, em se tratando de indivíduos, a questão para a comunidade torna-se complexa na sua dualidade entre a provisoriade e a permanência. Esta situação torna-se um fato social novo: forma-se assim a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu, que não tem nada de provisória, mas cujo incessante fluxo de vindas e idas para o Líbano fortalece e confirma o sentimento consciente de libanesidade entre os filhos. É bem verdade que isso pode se afrouxar com o passar das gerações, mas a imagem sempre é renovada com os novos imigrantes que chegam e assim a comunidade está na cidade para ficar, de forma indelével. A produção da imagem torna-se uma nova “Terra Natal”, reconstruindo na sua diferença no Brasil. Por isso, em Foz do Iguaçu, os libaneses se sentem confortáveis e à vontade para organizarem-se em comunidade e manifestarem sua cultura. Alguns, como já mencionado, dizem que estar em Foz é a mesma coisa que estar no Líbano, de tantos libaneses que tem na cidade e tantas são as manifestações e possibilidades da identidade cultural.

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo de 2010*. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: maio de 2011.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- FAUSTO, Boris. Introdução. In: _____ (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.
- KOKOT, Waltraud; TÖLÖLYAN, Khachig; ALFONSO, Carolyn. Introduction. In: _____; _____; _____. *Diaspora, identity and religion: new directions in theory and research*. Londres, Reino Unido: Routledge, 2006. p. 1-8. (Research in Transnationalism).

MACHADO E SILVA, Regina Coeli. Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 47, n. 2, p. 357-373, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a06v47n2.pdf>>.

SAFRAN, William. Deconstructing and comparing diasporas. In: KOKOT, Waltraud; TÖLÖLYAN, Khachig; ALFONSO, Carolyn. *Diaspora, identity and religion: new directions in theory and research*. Londres, Reino Unido: Routledge, 2006. p. 9-30. (Research in Transnationalism).

STEPHAN, Rita. Lebanese-America's Identity, Citizenship and Political Behaviour. *Palma Journal*, Notre Dame University - Louaize, v. 11, n. 1, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Recebido em agosto de 2012.

Aprovado em junho de 2013.